

BRINQUEDOTECA HOSPITALAR: ESPAÇO DE EXPRESSÃO E ELABORAÇÃO DE CONFLITOS. Mônica Idehara, Fábio Camargo Bandeira Villela. – Psicologia – Pedagogia - Departamento de Educação - Faculdade de Ciências e Tecnologia – Campus de Presidente Prudente

A hospitalização da criança comumente é vivenciada como sofrimento psíquico, em decorrência dos próprios procedimentos de hospitalização, do ambiente asséptico e intrusivo, da separação da família e de amigos próximos e da fantasia de perigo eminente de morte.

Além disso, a internação atua de forma impactante na vida de uma criança, pois, de acordo com Safrá (2006), interrompe seu *vir-a-ser*. A criança enquanto um ser em desenvolvimento, provavelmente não está com recursos psíquicos para o enfrentamento da totalidade dessa experiência.

Nesse sentido, para que a experiência da hospitalização seja menos traumática, o projeto Brinquedoteca Hospitalar, que é desenvolvido em hospital estadual na cidade de Presidente Prudente, tem como objetivos a promoção de um espaço para o brincar, o favorecimento de aspectos de humanização na rotina hospitalar – pois entendemos que o brincar para a criança é também uma forma de expressão dos conflitos psíquicos emergentes, assim como a linguagem verbal é para o adulto - e conhecer a dinâmica da instituição para entender a sua influência no bem estar físico e psíquico das crianças.

Winnicott (1982, p. 163) afirma que:

A criança adquire experiência brincando. A brincadeira é uma parcela importante da sua vida. As experiências externas como internas podem ser férteis para o adulto, mas para a criança essa riqueza encontra-se principalmente na brincadeira e na fantasia. Tal como as personalidades dos adultos se desenvolvem através de suas experiências da vida, assim as das crianças evoluem por intermédio de suas próprias brincadeiras e das invenções de brincadeiras feitas por outras crianças e por adultos. Ao enriquecerem-se, as crianças ampliam gradualmente sua capacidade de exagerar a riqueza do mundo externamente real. A brincadeira é a prova evidente e constante da capacidade criadora, que quer dizer vivência.

O hospital pode se tornar um local acolhedor na medida em que promova experiências de *handling* (manuseio e cuidados referentes à preservação da vida) e *holding* (atitudes de contenção, de sustentação psíquica que proporcionam experiências de vínculo e desenvolvimento) nas ações de humanização, tanto para a criança adoecida, quanto para a mãe ou acompanhante. Em visitas ao hospital, são promovidos “espaços” de interação entre estagiário e criança, com o intuito de estabelecimento de vínculos com as crianças, através de conversas e, principalmente, da observação do brincar, visando a compreender seus significados, no entendimento do brincar como vínculo, enquanto espaço de investimento afetivo.

Segundo o conceito de espaço potencial de Winnicott (1994, p.11), “de uma zona intermediária entre a realidade interna e externa, onde se realizam o jogo e o brincar”, pauta-se o entendimento de “encontro” utilizado neste texto. O espaço potencial permite à criança lidar com a realidade objetiva de modo criativo, aumentando o contato com o mundo externo e com os dados da realidade. Um espaço subjetivamente proposto para o brincar como uma possibilidade de externalização de conteúdos psíquicos de crianças que se encontram hospitalizadas. No brincar, a criança lida de modo criativo com a realidade externa, promove o crescimento e se comunica, permitindo, portanto, vivenciar a experiência da hospitalização de maneira menos traumática e mais criativa.

Para ilustração do exposto acima, relatarei o caso da menina Ana – os nomes utilizados são fictícios - que foi internada para realização de exames para diagnosticar causas de manchas que apareceram em seu corpo. Ela estava acompanhada pelo pai, seu Antonio, uma vez que a mãe teve que ficar cuidando da filha de cinco meses e outros dois irmãos mais velhos de Ana.

Ana, 4 anos

Quando cheguei ao hospital, Ana estava chorando e gritando muito porque os auxiliares estavam colhendo material para exame. Após o procedimento, quando Ana havia parado de chorar, entrei no quarto e convidei-a para brincar.

A menina escolheu cinco bonecas pra brincar e um carrinho. A brincadeira de Ana consistia em repetidamente lavar e trocar a boneca, porque esta teria feito cocô. Às vezes, ficava brava com a boneca por causa do cocô. Tirava a roupa, lavava a boneca e a roupinha e vestia-a novamente. Durante todo o encontro, chamou-me de mãe e falava de modo infantilizado, como se fosse uma criança de dois anos.

No segundo encontro, quando cheguei ao hospital, Ana havia passado por um procedimento e tomado ansiolítico. Ela queria brincar, mas o efeito do remédio a impedia. Disse a ela para que descansasse e que mais tarde retornaria para que brincássemos. O pai, comovido pelo sofrimento da filha, contou que ainda não sabiam o ela tinha, mas que, pelo menos, a hipótese de leucemia estava descartada. Contou também que a mãe e a irmã mais nova haviam visitado Ana no período da manhã.

Retornei mais tarde como havia prometido para que brincássemos.

Desta vez, Ana escolheu bonecas para brincar e pediu folhas e giz de cera para desenhar. Começou desenhando patos e pediu para que eu também desenhasse patos.

Parou, foi ao quarto e retornou com várias folhas, todas desenhadas com patos. Eu disse: *Nossa! Quantos patos, vários patos.....* Ela voltou a desenhar patos e começou a falar: *pato, pato, pato, pai!*

Continuou desenhando e, quando fez o bico do pato, desenhou um pênis, que depois o transformou em coração. *O coração do papai*, disse a estagiária que estava comigo. Ana sorriu.

Perguntada sobre a localização do coração no pato, Ana começou a ficar ansiosa e responder que não sabia. Um pouco antes, eu havia desenhado um boneco, quando ficou ansiosa, pegou meu desenho e começou a pintar como se estivesse rabiscando e com lápis preto.

A menina não ficava sem o pai, se ele ameaçasse sair para fazer uma ligação, por exemplo, Ana começava a chorar, então ele sempre estava por perto.

No terceiro encontro, seu Antonio estava ansioso para ir embora para casa. Ana dizia: *Não quero ir embora, quero ficar no hospital com o papai.*

Ana me mostrou os “furos” que tinham em seus braços e as manchas que estavam em seu corpo e parecia estar tranquila.

Neste dia, seu pai sentou conosco para desenhar e brincar.

Novamente, Ana fez vários patos e corações para dar ao papai. Quando estava fazendo o bico do segundo pato, desenhou algo parecido com um pênis, que novamente transformou em coração.

Seu Antonio desenhou um pato grande e quatro patinhos. Perguntei à Ana se o pato maior era pato pai ou pato mãe. Ana respondeu: *Pato pai!* Perguntei: *E os filhotinhos de quem são?* Ela respondeu: *Meus!*

Em seguida, quis brincar de bonecas. *“A mamãe morreu”* - disse Ana, apontando para a boneca que representava a mamãe. *E quem é ela?* - perguntei apontando para a boneca que ela colocara ao lado do boneco. *“É a filha”*. - ela respondeu.

No final do encontro, Ana disse que não era para eu ir embora. Respondi que precisava ir, mas que brincaria com ela da próxima vez se ainda estivesse no hospital.

Ana comunicava em suas brincadeiras o conflito edípico que estava vivenciando. Através da repetição em lavar e trocar a boneca, mostra os cuidados de que precisou em períodos anteriores em que era um bebê frágil, muito semelhante à situação de hospitalização em que a criança requer maiores cuidados. A fala infantilizada ratifica a idéia de regressão. O fato de me chamar de mãe durante todo o encontro deixava claro o quanto à ausência de sua mãe cuasava-lhe sofrimento, tanto que no segundo encontro isso não ocorreu mais, pois sua mãe e irmã haviam estado no hospital no período da manhã.

No encontro seguinte, Ana desenhou vários patos compulsivamente e, aparece em seu desenho um pênis que em seguida é transformado em coração. Quando buscou os desenhos para me mostrar, queria comunicar a mim que tinha visto e sabia que o papai tem pipi. Ana desenhou, assim, o pipi do

papai, que antes já tentara mostrar nos desenhos dos vários patos e ao falar: *Pato, Pato, Pato, Pai*. A própria repetição compulsiva das palavras que se iniciam com a letra “p” representam tanto simbólica ou literalmente o pai, como a atributo que não ousa pronunciar, “pipi/pinto/pênis”, e cuja ausência, percebida por Ana ao ser perguntada sobre a localização do coração/peito com formato de pênis era fonte de intensa angústia.

Entretanto, ao ser questionada quanto ao lugar do coração no pato, ficou ansiosa e começou a rabiscar os desenhos com lápis de cor escura, evidenciando o conflito do complexo de castração. Ana desenhou o pipi do papai, mas ela não tem pipi.

No terceiro encontro, Ana comunica que não quer ir embora, quer ficar no hospital com o pai, mantendo sua relação amorosa com ele, sem a mãe e os irmãos, tendo o papai somente para ela.

Conteúdos como complexo de Édipo e de castração aparecem novamente nesse encontro e de forma explícita em seus desenhos e em sua verbalização. Os filhotinhos do pato pai são dela, a boneca que representa a mamãe morreu e a filha ocupa o lugar da mãe ao lado do pai.

O fato de seu Antonio não poder se ausentar de perto de Ana mostra o medo dela em ser abandonada pelo pai, que, é fortemente marcado pelo choro nas ameaças de sua saída.

No momento em que Ana diz que não é para eu ir embora, entendo que através dos encontros, no espaço potencial criado ali, ela tem a possibilidade de externalizar seus conflitos. A minha presença na atividade lúdica sustentou em seu psiquismo a incolumidade da mãe deslocada, que, em sua fantasia, ela a havia assassinado, reconciliando-se, dessa forma, com sua mãe, aplacando sua culpa e reparando objeto mãe atacado. A repetição de conteúdos psíquicos nos encontros mostra a necessidade que Ana tem de elaborá-los.

O brincar permitiu a Ana “colocar em trânsito” seus conflitos e angústias e expressar suas fantasias, possibilitando sustentação ao desenvolvimento emocional e condições de enfrentamento da experiência de hospitalização.

Referências bibliográficas

ABERASTURY, A. **A criança e seus jogos**. Porto Alegre: Artmed, 1992. 88 p.

KLEIN, M. **Inveja e Gratidão**. 4. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1991. 397 p.

SAFRA, G. **Desvelando a memória do humano: o brincar, o narrar, o corpo, o sagrado, o silêncio**. São Paulo: Edições Sobornost, 2006. 80 p.

WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. **Explorações Psicanalíticas: D.W. Winnicott**. Porto Alegre: ArtMed, 1994. 460 p.

WINNICOTT, D. W. **A criança e o seu mundo**. Rio de Janeiro: LCT, 1982. 270 p.

_____. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975. 203 p.